

## Capítulo um

Alex-namorada do meu namorado, Rosemary, tem a mesma espessura de sobrancelhas que eu. O mesmo cabelo ruivo ondulado e as mesmas ancas em forma de pera.

Estou no outro lado da rua do escritório dela com uma camisola castanha grossa e óculos escuros, a vê-la sair. Quero saber se é do tipo que sai às cinco para ir a uma aula de ginástica ou aproveitar uma *happy hour*, ou do de mandar *e-mails* até às oito, à deriva num mar de secretárias vazias.

Ao vê-la sair do edifício às 18:35, já descobri que não é uma coisa nem a outra.

Reparo na sacola da *New Yorker* que traz, o que me sugere falta de originalidade, conformismo. Atravessa a rua de quatro faixas quando só restam dois segundos de luz verde para os peões. Há carros que apitam, enquanto ela faz balões com uma pastilha elástica de menta.

Sei que é de menta porque fico ao pé dela na plataforma do metro de Fulton e sinto o cheiro. Resisto ao impulso de lhe tocar. Para ver se ela se dissolve.

De perto, Rosemary parece diferente das suas fotografias do Instagram. Deve usar vários filtros, sombra e saturação em excesso. Tem um estômago mais liso do que o meu, mas seios muito mais

pequenos. Pele macia e brilhante, mas um queixo quadrado e masculino. Nas fotografias que vi, tem os lábios comprimidos, em vez de mostrar os dentes, como eu.

Mas agora tenho, finalmente, um vislumbre raro dos seus dentes. Os caninos são pontiagudos, projetando-se como presas. Talvez isso signifique que sou mais bonita do que Rosemary, mas quem sabe? Talvez os seus dentes de vampiro atraíssem Caleb.

No comboio, quando mete uns pequenos *AirPods* brancos nos ouvidos, imito-a com os meus grandes auscultadores com eliminação de ruído. Embora haja lugares sentados, Rosemary está encostada à porta, de olhos fechados, a sapatear. Prefiro ficar de pé, mas sempre de olhos abertos. Escondida atrás de uns óculos escuros enormes — semelhantes aos que as celebridades usam para fugir aos *paparazzi* —, consigo manter contacto visual prolongado, de lado, com estranhos. Uma vigilância bem-sucedida depende do anonimato.

Em Wall Street, entra no comboio um pelotão de corpos que envergam fatos de executivo, e os que estão perto da porta apertam-se mais. Apesar do frio de outubro, as carruagens do metro ainda não estão aquecidas. No meio da confusão, fico perto de Rosemary. Quando a manga da minha camisola lhe roça no cotovelo envolvido em denim, questiono-me se olharemos uma para a outra. Mas ela nunca levanta o olhar. Ser cinco centímetros mais alta revela-se vantajoso — consigo espreitar para o ecrã dela, onde desfilam artistas e álbuns até se fixar em *Breathing Underwater*, de Hiatus Kaiyote. Com uma ponta de desconforto, percebi que Caleb — meu namorado e *ex* dela —, nas últimas semanas, disparava essa canção quando cozinávamos, picando cebolas ao som explosivo de um címbalo.

A seguir, observo Rosemary a *tuitar* acerca de um romance que editou e, aparentemente, foi objeto de crítica do *New York Times*. Apaga e reformula tantas vezes que estou tentada a tirar-lhe o telefone das mãos. *Eu sei que pretendes transmitir orgulho e humildade*, dir-lhe-ei. *Dá cá*.

Estudo-lhe o rosto até ela sair em Atlantic Avenue, perto do bairro de Fort Greene, em Brooklyn. Sigo-a. Vai rua abaixo, vira à esquerda, depois, à direita, e digita um código para entrar num edifício moderno, industrial-chique, com janelas de vidro de alto a baixo. É um mamarracho no meio das pitorescas casas de tijolo.

Não posso continuar a segui-la. Vou, antes, a um jardim da cerveja, a alguns quarteirões de distância. Mando vir um *pretzel* do tamanho da minha cara e bebo cerveja da época, que sabe a pão de banana. Depois, ligo a Caleb a perguntar se quer encontrar-se ali comigo.

— Onde? — pergunta ele.

Tapo o bocal e peço ao *barman* que me diga onde estou. Ele susurra o nome do bar e pisca conspirativamente o olho. Repito a Caleb.

Há uma pausa intencional.

— Porque estás em Fort Greene?

— Estou a escrever uma cena que se passa aqui. Pesquisa.

A voz dele suaviza-se.

— Não demoro.

Terminada a chamada, rabisco alguns pormenores — a passadeira de peões, o *tuíte*, a sacola, o cotovelo dela envolto em denim a roçar na manga da minha camisola. O início de um livro — o meu. Descobri, penso, uma história que vale a pena contar. Até aqui, só escrevi ficção curta, vinte páginas ou menos; não fiquei intrigada com nada que sustentasse um edifício de palavras. Mas a vida começou finalmente a interessar-me. Para provar a razão dos crentes e o erro dos descrentes — integro-me em ambas as categorias, dependendo do dia —, vou escrever um romance.

Quando chega, trinta minutos depois, Caleb olha com desconforto à volta do bar, como que à espera de um fantasma. Chamo-o.

— Como é essa cena? — Senta-se no banco ao meu lado. — A tentar descrever um feixe de luz a incidir num belo prédio de tijolo?

Forço uma gargalhada, sem ter a certeza de não estar a ser gozada.

— Exatamente.

Foi trabalho mental, estou a olhar para o bar do outro lado da rua praticamente desde que começou o dia. No entanto, esta foi uma jornada mais ambiciosa do que previa.

Caleb vive em Washington Heights, enquanto eu resido duzentos quarteirões a sul, na Greenwich Village, convenientemente mais perto do escritório dele, no Bairro Financeiro. Quereria ele ver-me com tanta frequência se morasse noutra sítio?

— Deves gostar mesmo de mim — digo.

— Obviamente. — Caleb afasta-me uma madeixa de cabelo da testa. É coisa de filmes, mas sabe bem. — Na realidade, já estive aqui.

Opto por parecer surpreendida.

— Já?

— Bem, a minha *ex* vive nas redondezas. — A mão dele continua na minha testa, ainda a brincar com o meu cabelo. — Viemos cá várias vezes.

— Oh, merda! Não sabia; achas que ela pode aparecer?

— Meu Deus, espero que não. — Tira-me a mão da cabeça para envolver o copo de cerveja que o *barman* trouxe. — Há milhões de bares aqui à volta.

— Não aparece — digo, com ar mais confiante do que estou, e toco-lhe no braço. A segurá-lo aqui, comigo.

Dois dias depois, na minha folga, volto à esquina onde Rosemary trabalha e localizo um banco onde posso sentar-me a ler. Levo um livro que ela editou chamado *Um do Rebanho*, uma coletânea de ensaios da autoria de uma mulher criada numa pecuária do Wyoming. Tirei-o de uma caixa de novidades do armazém da livraria em que trabalho. A data de saída ainda está a algumas semanas de distância, mas prometi a mim mesma folheá-lo rapidamente e com cuidado, sem danificar as páginas nem a lombada, e metê-lo outra vez na caixa antes de ser posto à venda. Quero reivindicar esta sua manifestação física, nem que seja por breves momentos.